

## O DISCURSO FEMINISTA NA MÚSICA BRASILEIRA: UMA LEITURA DAS CANÇÕES DE ANA CAÑAS

## THE FEMINIST DISCOURSE IN BRAZILIAN MUSIC: A READING OF THE SONGS OF ANA CAÑAS

Vanessa Costa Santos

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, UNESP  
Docente da Universidade Estadual de Goiás

[vanessa.santos@ueg.br](mailto:vanessa.santos@ueg.br)

Ana Lúcia Ferreira Dias

Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás

[diasluce98@gmail.com](mailto:diasluce98@gmail.com)

60

---

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo discutir o discurso feminista veiculado a partir de um conjunto de músicas da cantora brasileira Ana Cañas. Foram selecionadas sete faixas estreadas no álbum *Todxs*, que abordam as temáticas do empoderamento feminino, violência contra a mulher e liberdade sexual. Para esta análise, levamos em consideração o discurso em torno da construção e sustentação do patriarcado e a biografia da artista, no que se refere à sua trajetória musical e ao álbum selecionado. Deste modo, encontramos nas canções selecionadas a abordagem sobre quatro modalidades de violência: verbal, simbólica, sexual e física. Como referencial teórico, foram lidas, principalmente, as obras de Beauvoir (2016); Saffioti (1987); Tiburi (2018).

**Palavras-Chave:** Feminismo; Músicas; Ana Cañas; *Todxs*; Violência contra a mulher.

**ABSTRACT:** This study aims to discuss the feminist discourse based on a set of songs by the Brazilian singer Ana Cañas. Seven tracks premiered on the *Todxs* album were selected, which addresses the themes of female empowerment, violence against women, and sexual freedom. For this analysis, we take into account the discourse around the construction and support of patriarchy and the artist's biography, with regard to her musical trajectory and the selected album. Thus, we found in the selected songs the approach on four types of violence: verbal, symbolic, sexual and physical. As a theoretical reference, we read the works of Beauvoir (2016); Saffioti (1987); Tiburi (2018).

**Keywords:** Feminism; Musics; Ana Cañas; *Todxs*; Violence against women.

---

## Building the way

### Introdução

A imagem distorcida associada ao feminismo permanece desde o séc. XIX, quando utilizada por Alexandre Dumas Filho para designar a luta das mulheres, e toma novo fôlego a cada onda conservadora na conjuntura social.

Definindo formalmente, conforme um paralelo com as autoras estudadas, feminismo é, principalmente, luta. A luta por uma sociedade justa e igualitária para todos os gêneros, por meio de um contra-discurso que visa a desconstrução das estruturas do regime patriarcal.

Como já afirmado, o feminismo é também um discurso. Isso significa que ele pode ser pensado através de diferentes meios, como livros, pesquisas acadêmicas, poemas, filmes ou mesmo música. A abertura da História Cultural a novos campos de pesquisa e a diferentes tipos de fontes históricas além das tradicionais, nos permitem pensar historicamente a música como um meio de disseminação do feminismo.

A música, como uma forma de arte, interage com o emocional, tem o poder de descontrair, entristecer ou mesmo gerar revolta. Além disso, a música carrega consigo, assim como qualquer outro texto, a mensagem de seu compositor e valores culturais. Desde 2017, Ana Cañas tem se destacado pela composição de músicas com letras que fazem críticas sociais, apresentam uma mulher forte, independente e trazem ideias do feminismo, como a igualdade de gênero, amor livre, e inclusão da comunidade LGBTQI+. Além disso, a cantora tem se posicionado abertamente em seus *shows* e nas redes sociais acerca do feminismo e como ele precisa ser libertador.

Neste trabalho, faremos a análise de sete músicas da cantora, relacionando-as ao feminismo. Nas letras, podemos identificar relacionamentos abusivos, denúncias à violência doméstica, e o silenciamento da mulher na sociedade. Além disso, a cantora também aborda o desejo da mulher de falar e ser dona do próprio corpo, ter liberdade de ir e vir, satisfazer seus desejos, além de superar o tabu sobre sua sexualidade.

Para tanto, foi realizada a leitura prévia de todas as músicas da cantora. Depois selecionamos as que melhor abordavam a temática desejada, compostas por ela, totalizando sete canções: “Dói”, “Eu Dou”, “Lambe-Lambe”, “Mulher”, “Mulher Galáxia”, “Respeita” e “Todxs”. Montamos uma tabela separando, para a análise, as

### **Building the way**

reivindicações que identificamos nos versos. Além disso, como referencial teórico, foram lidas as obras de Simone de Beauvoir (2016), Marcia Tiburi (2018), Heleieth Safiotti (1987) e Laura Barcella (2018).

### **O patriarcado: estabelecimento do “lugar” das mulheres**

62

A palavra patriarcado advém da expressão “pátrio”, que por sua vez refere-se a “pai”. Assim sendo, o patriarcado significa “poder do pai” e designa diretamente o poder masculino na sociedade, que se instaurou desde a invenção do arado, ainda na pré-história, conforme afirma Safiotti (1987). A partir daquele momento, a ideia de força física, via de regra atribuída aos homens, passou a ser decisiva para o sucesso da agricultura. Assim, tornou-se usual a ideia de que o homem estaria mais apto a fazer esse serviço; restando às mulheres, outras tarefas, principalmente, a criação dos filhos. Para Simone de Beauvoir (2016, p.108), “toda sociedade tende para uma forma patriarcal quando sua evolução conduz o homem a tomar consciência de si e a impor sua vontade”.

Assim, se inicia aos poucos o reinado do patriarcado e a sociedade passa a se estruturar em torno do núcleo familiar, coordenado pelo pai e “chefe da casa”. Os homens vão ganhando cada vez mais poder. E “no momento em que o patriarcado é poderoso, ele arranca da mulher todos os direitos sobre a detenção e a transmissão de bens” (BEAUVOIR, 2016, p. 118). Ainda no pensamento de Beauvoir, a autora defende que a família e o patrimônio privado serviram de bases para nossa sociedade. Isso entra em conformidade com o pensamento de Marcia Tiburi (2018, p. 59), quando esta afirma que “Ele [o patriarcado] representa a estrutura que organiza a sociedade, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido que ele é, sob pena de violência e morte”. Ou seja, o patriarcado consiste em um sistema de exploração cujo um de seus pilares principais é o machismo.

Desse modo, a mulher estava sujeita ao pátrio poder. As figuras masculinas presentes em sua vida detinham poder sobre ela, se iniciando com o pai e os irmãos e, depois, com o marido. A partir disso, se iniciaram práticas como o levirato, pelo qual uma viúva se casava com o irmão de seu falecido marido e, também, da castidade, pois seria uma desonra para um homem sustentar o filho de outro. Esse tipo de prática objetivava manter a herança em família. Como afirma

### Building the way

Beauvoir (2016, p. 126) “A civilização patriarcal destinou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito de satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento”.

Essa fala de Beauvoir ilustra assim outro ponto marcante do machismo na sociedade: refere-se à questão da liberdade sexual: aos homens, se estimula que experimentem, busquem aventuras eróticas com o maior número de mulheres possíveis. Quanto às meninas, é ensinado que devem se guardar, esperar alguém especial, de preferência depois do casamento.

A partir do momento em que tal situação a configura como uma propriedade do homem, a mulher perde seus direitos e o marido tem a liberdade de fazer com ela o que bem entender. Surgem assim expressões como “deveres conjugais” da mulher, quase todos relacionados a práticas que envolvem a submissão da mulher ao homem, como os que envolvem estar disponível para toda e qualquer atividade sexual sempre que for solicitada (SAFFIOTTI, 1987), além de atender aos caprichos e desejos alimentares do esposo, bem como manter o “lar” bem cuidado e apresentável. A posse da mulher torna-se uma prisão simbólica em seu próprio lar e ainda legítima a violência contra ela. Por ser a família uma instituição inviolável, essa violência se perpetua em silêncio. Cada casa tem um “chefe” e ele decide como gerir suas posses, não podendo as pessoas de fora agirem contra ele.

Deste modo, a sociedade patriarcal se fundamenta em princípios machistas, como as ideias em torno da inferioridade física e intelectual da mulher, da fragilidade e vulnerabilidade emocional femininas e, acima de tudo, o *status* de propriedade do homem. Esses valores vão passando de geração em geração e se tornam parte dos princípios da família tradicional. Essa ideologia se tornou tão forte a ponto de se estabelecer como natural, como algo que “sempre foi assim”:

É de extrema importância compreender como a *naturalização* dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a ‘superioridade’ dos homens, assim como a dos brancos, heterossexuais, a dos ricos (SAFFIOTTI, 1987, p.9).

Assim, por mais que ao nascer, o corpo seja propriedade do indivíduo, no caso das mulheres, a sociedade tenta de tudo para apossar-se dele e ditar como ela deve usá-lo. Desde a educação das meninas que as ensina a serem mães e doces

### **Building the way**

donas de casa, meigas e a sentarem-se com as pernas cruzadas, até à exaltação da virgindade feminina em detrimento da masculina e a objetificação desse corpo, tudo isso contribui para a perpetuação do machismo e legitima atitudes como agressão, estupro ou mesmo feminicídio. Mais do que atitudes machistas, todo esse cenário se configura em violência contra a mulher. De acordo com Márcia Tiburi (2018, p. 32) “[...] no patriarcado, o destino das mulheres é a violência.”.

64

Além desse silenciamento social, temos também um silenciamento acadêmico. Afinal de contas, a educação foi vetada às mulheres até meados do século XIX. Até então, pouco se falava da mulher nos textos históricos ou científicos e o que se falava era escrito por homens. “Todos os gênios que nascem mulheres estão perdidos para a felicidade do público; desde que o acaso lhes dê os meios de se revelarem, vós as vereis desenvolver os mais difíceis talentos” (STENDHAL *apud* BEAUVOIR, 2016, p. 315).

A fala de Stendhal evidencia outro ponto importante, a representatividade. O modo como a mulher ideal é representada, sua falta nos livros de história ou em cargos políticos de alto escalão, faz com que as meninas não tenham muito em quem se espelhar. Isso pode desmotivar algumas, fazê-las se questionar por que deveriam tentar ir contra o sistema. Por isso, além dos trabalhos já realizados, ainda é urgente e de grande importância dar crédito às vozes das mulheres, para que possibilite a saída de outras mulheres da “bolha” que o patriarcado insiste em reservar para elas.

### **A voz**

Pra você guardei o amor  
Que nunca soube dar  
O amor que tive e vi sem me deixar  
Sentir sem conseguir provar  
Sem entregar  
E repartir  
(REIS, 2009)

Em 2009, a música “Pra Você Guardei o Amor” foi lançada como tema da novela *Cama de Gato*, na Rede Globo. A canção composta por Nando Reis foi gravada pelo cantor em parceria com uma jovem cantora de voz doce, que viria a tornar-se um dos maiores nomes da música feminista de nosso tempo, Ana Cañas.

## Building the way

Nascida em 14 de setembro de 1980, em São Paulo, Ana Paula Hipólito Cañas teve um despertar um pouco mais tardio para a música. Quando estava cursando Artes Cênicas na ECA-USP, ela conheceu o trabalho de Ella Fitzgerald e ficou encantada. Foi quando descobriu o que queria fazer da vida.

Em pouco tempo, ela estava cantando nos bares de São Paulo. Depois de um bom tempo se apresentando em vários estabelecimentos, em 2007, ela lança seu primeiro disco, *Amor e Caos*, bastante elogiado pela crítica e rendeu à Cañas o *status* de revelação da MPB. Em 2009, ocorre o lançamento de seu segundo CD, *Hein?*. Além de “Pra Você Guardei o Amor”, a cantora também integrou a trilha sonora de outra novela global no mesmo ano com a canção “Esconderijo”.

Em 2012, gravado pela Som Livre, Ana Cañas lançou o CD *Volta*, que contou com várias músicas autorais inéditas além de clássicos como “La Vie Em Rose” e “Rock And Roll”. O repertório deu origem ao seu primeiro DVD, “Coração Inevitável”. Em 2015, Ana lançou o disco *Tô na Vida* que entre outras músicas, contém “Mulher”.

No ano de 2017, a cantora lança a música “Respeita”, juntamente com o clipe da canção, gravado nas ruas de São Paulo e contou com a participação especial de várias atrizes, ativistas do feminismo, jornalistas e cantoras. “Mas mais do que um *rap*, “Respeita” era uma conexão que Ana fazia com sua própria feminilidade para começara levantar a bandeira do feminismo e traçar vínculos com movimentos negros, sem teto e de periferia.”<sup>1</sup>, assim assinala Alexandre Matias no texto que escreveu para o site da turnê atual de Ana Cañas.

Não há dúvidas de que “Respeita” foi o pontapé inicial para o trabalho mais recente da artista, o álbum *Todxs*. Lançado em 2018, o que inicialmente chama a atenção no álbum é a arte da capa<sup>2</sup>, que traz uma serpente em posição de dar o bote, no lugar de uma genitália feminina, que vai ao encontro com os mitos de feminilidade atribuídos à mulher, que podemos relacionar ao apontamento feito por Beauvoir (2016, p.514): “[...] tem um demônio que sapateia no seu interior, no fundo de sua vagina uma serpente ávida para se empanturrar com o esperma do macho”.

Todo o trabalho contém músicas mais engajadas na luta, a própria faixa que dá nome ao disco representa uma ideologia feminista, no sentido de não restringir o gênero a masculino ou feminino. De acordo com o jornalista Alexandre

<sup>1</sup> In: [anacanas.com.br/index.php/todxs/](http://anacanas.com.br/index.php/todxs/) > acesso em 17 de setembro de 2019. Aspas do autor.

<sup>2</sup> Ver: Capa do álbum *Todxs*. In: <http://www.anacanas.com.br/index.php/fotos/>

### **Building the way**

Matias, “Todxs consagra a maturidade dela tanto como cantora, compositora e personalidade pop e ela está pronta para enfrentar os dragões da maldade que aparecerem em seu caminho”<sup>3</sup>. Além das músicas, a cantora tem se pronunciado ativamente nas redes sociais sobre seu apoio ao feminismo e ao fim do patriarcado como sistema explorador.

Deste modo, o trabalho de Ana Cañas constitui-se relevante como objeto de pesquisa ligado ao feminismo, no qual podemos ver o discurso, bem como a organização das frentes de luta do movimento feminista. Torna-se urgente esse tipo de análise, pois demonstra que esse debate não se dá apenas no meio acadêmico ou político, mas também no meio artístico e cultural.

66

### **Uma leitura da violência contra a mulher em Ana Cañas**

Para os fins deste trabalho, pensaremos em quatro tipos de violência, que foram encontrados em duas faixas entre as músicas analisadas. Em primeiro lugar, temos a canção “Respeita”, lançada em 2017 por Ana Cañas. A música ganhou um clipe icônico, com a participação de várias mulheres, atrizes globais, líderes de movimentos feministas, figuras como Maria da Penha e algumas cantoras. A letra traz um grito de socorro, um pedido, acima de tudo, de respeito aos direitos das mulheres. Outra letra que reflete a violência é a música “Dói”, que dá voz a uma mulher inserida em um relacionamento abusivo. A música integra o álbum *Todxs*, lançado pela cantora em 2018.

Em primeiro lugar, tratando sobre a violência verbal, na música “Dói”, nos seguintes versos: “Você diz coisas tão terríveis, dói/ São coisas todas incabíveis, me destrói” (CAÑAS, 2018). Outro trecho, já em “Respeita”, é: “Quando a palavra desacata, mata, dói/ Fala toda errada que nada constrói” (CAÑAS, 2017). Violência verbal constitui todo tipo de ofensa, humilhação e xingamentos. São os danos causados pelas palavras, que têm para o sexo feminino consequências profundas.

A violência verbal traz danos ao psicológico da mulher, pois pode causar traumas, fazendo com que ela crie uma autoimagem ruim de si mesma, pode fazer com que ela se odeie, gerando dor. Isso vem também da ideia de que há uma hierarquia na relação, na qual o homem está acima da mulher, o que estabelece um

<sup>3</sup> Fonte: [anacanas.com.br/index.php/todxs/](http://anacanas.com.br/index.php/todxs/) > acesso em 17 de setembro de 2019.

### **Building the way**

lugar certo para cada um. Nos primeiros versos de “Respeita”, Ana Cañas se posiciona acerca desse fato. “Você que pensa que pode dizer o que quiser/ Respeita aí!/ Eu sou mulher” (CANÃS, 2017).

O próximo tipo encontrado é a violência simbólica, um pouco mais complexa. Essa está ligada aos resultados do patriarcado na sociedade, é um discurso que estabelece um padrão, um papel para a mulher, um código de conduta, lugares onde ela pode ou não ir, roupas apropriadas ou não, comportamento adequado, dentre outros. Como afirma Marcia Tiburi (2018, p.106) “A desigualdade do trabalho doméstico, o papel da maternidade e toda uma lógica do próprio casamento como submissão da mulher ao homem têm muito de um tipo de violência, que é a simbólica”.

A violência simbólica é o tipo mais difícil de se identificar. Ocorre em um nível invisível, nem sempre a enxergamos, mas está presente sob a forma de opressão. Consiste no tipo mais naturalizado, que tem suas raízes num pensamento conservador e tradicional. Ela se dá nos mais diversos ambientes, em índices maiores ou menores. Vai desde a questão da exploração doméstica (como uma “responsabilidade” da mulher), até coisas mais simples, mas nem por isso menos violentas, como controlar o corte de cabelo ou mesmo as roupas que ela usa, pois, “[...] é preciso que inspire respeito pela sua aparência, pela sua maneira de vestir-se: essa preocupação prega-a no solo, encerra-a em si mesma” (BEAUVOIR, 2016, p.537).

Podemos constatar esse tipo de violência no seguinte trecho da música “Respeita” com exceção da palavra “mutilada”, que constitui outro tipo: “Desrespeitada, ignorada, assediada, explorada/ Mutilada, destrutada, reprimida, explorada” (CAÑAS, 2017). Tudo isso é consequência de um processo histórico patriarcal. Situações pelas quais a mulher passa em virtude da posição que lhe foi legada. Além disso, podemos citar situações como discriminações no ambiente de trabalho com as “profissões masculinas”, a facilidade com que uma mulher é malvista por certas atitudes que passariam por normais quando tomadas por um homem, os rótulos de “vadia”, “puta”, “vagabunda” e mais uma lista infindável de palavras de baixo calão. Outro verso da música que contém esse tipo de violência é: “E o cinismo obtuso daquele cara confuso/ Mas eu vou esclarecer/ Abuso” (CAÑAS, 2017). Podemos citar com esse trecho as piadinhas, os assobios, insinuações



### Building the way

ofensivas que nós mulheres ouvimos diariamente. É a cultura do assédio, presente em nosso cotidiano.

O terceiro tipo é a violência sexual, que se refere ao medo da violação do corpo, do qual a sociedade tenta o tempo todo apropriar-se. Esse tipo é exposto por Ana Cañas a partir de “Constrangimento em detrimento de todo discernimento quando ela diz não” (CAÑAS, 2017) e “Diversão é um conceito diferente/ Onde todas as partes envolvidas consentem” (CAÑAS, 2017), ambos trechos da música “Respeita”. Como assinalado pela cantora, qualquer ato sexual não consentido mutuamente, configura um estupro. Além de um ato de violação, estupro é um crime punido por lei. Mesmo assim, há uma estimativa apresentada pela *Folha de São Paulo* de que ocorrem cerca de 164 estupros por dia no Brasil<sup>4</sup>. Uma sociedade patriarcal como a nossa, colabora diretamente para a cultura do estupro. Para quase todos os casos, ouvimos como justificativa que a culpa foi da vítima. Como aponta Heleith Safiotti (1987, p. 80), “A crença que está por trás desta conduta é a de que a mulher não é propriamente violentada, mas que ela se comporta como sedutora”.

A cultura do estupro se deve também à educação recebida pelos homens. Desde crianças, eles são estimulados a conquistar seus objetivos através da agressividade. Desse modo, após a recusa da mulher à atividade sexual, alguns homens impõem sua vontade pela violência. Como aponta a autora Simone de Beauvoir (2016, p.128), “Por ser, neste mundo, soberano, o homem reivindica como sinal de sua soberania a violência de seus desejos.”.

O artigo 213 do Código Penal Brasileiro define o crime de estupro como, “Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”<sup>5</sup>. A pena varia de 6 a 30 anos de acordo com o tipo de lesão infringida à vítima. Destacando que o artigo traz o termo “ato libidinoso”, o que não necessariamente implica o contato físico para ser considerado um crime. É importante ressaltar que esse tipo de violência não se dá apenas em casos esporádicos, muitos deles ocorrem dentro de um relacionamento, entre casais de namorados ou mesmo entre marido e mulher. Dentro do casamento, existe a crença nos já citados “deveres conjugais”, que

---

<sup>4</sup>In: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/brasil-registra-606-casos-de-violencia-domestica-e-164-estupros-por-dia.shtml>> acesso em 24 de abril de 2019.

<sup>5</sup>In: <https://www.gabarite.com.br/dica-concurso/276-artigo-213-codigo-penal-comentado-o-crime-de-estupro>> acesso em 31 de maio de 2019.

### **Building the way**

incluem o sexo, quando solicitado pelo esposo, pois não é adequado que ela procure pelo sexo, e sim que espere pela vontade do marido.

Na tentativa de diminuir os índices de assédio, em 2017 nasceu o movimento “não é não”. A *hashtag* se espalhou nas redes sociais e ficou muito popular no Carnaval de 2018. Mulheres em todo o Brasil exibiram a frase em camisetas, cartazes e até mesmo pintaram nos seus corpos. Em alguns estados, havia a opção de fazer tatuagens temporárias com o enunciado<sup>6</sup>. Parece uma frase simples de ser entendida, mas ainda, assim, precisa ser explicada em uma sociedade machista como a nossa. O “não”, muitas vezes, é ignorado e a vontade deles prevalece. O movimento “não é não” vem na esteira do discurso feminista e se mostra positivo, pois representa uma luta de todas contra a violação dos seus corpos. Depois do não, qualquer tentativa consiste em assédio.

Por fim, ainda há a violência física, talvez a mais extrema, por envolver, geralmente, as outras formas de violência. Cañas menciona: “É covardia no momento quando ele levanta a mão” (CAÑAS, 2017). Quando o homem se aproveita de sua força física e parte para a agressão com tapas, chutes, empurrões, espancamentos e outras práticas terríveis e infelizmente, muito comuns. Geralmente quando se chega a esse ponto, já ocorreram as agressões verbais e simbólicas. Nosso país tem um dos maiores índices de violência doméstica do mundo. Há neste momento, mais de um milhão de processos em tramitação no judiciário com acusações de violência doméstica<sup>7</sup>. Isso porque o destino final que a sociedade reserva para a mulher é o casamento. É como se permeasse a ideia de que não há vida para a mulher fora do matrimônio na sua vida adulta.

Como ressalta Beauvoir (2016, p. 195), “[...] porque é preciso afinal casar, porque os outros fazem pressão, porque elas sabem que é a única solução razoável, porque querem uma existência normal de esposa e mãe”. Desde crianças, contamos às nossas meninas histórias de princesas, com finais felizes. Mais do que isso, o “felizes para sempre” só acontece após o seu casamento com o príncipe encantado. Será que são só estórias inocentes ou elas carregam uma intencionalidade? Essas estórias levam consigo os valores da sociedade. As mulheres procuram um príncipe, mas só encontram “homens normais”. E quando vemos uma mulher solteira após os

<sup>6</sup>In: <https://istoe.com.br/nao-e-nao-brasileiras-em-campanha-contra-assedio-no-carnaval/>> acesso em 31 de maio de 2019.

<sup>7</sup> In: <https://exame.abril.com.br/brasil/processos-de-feminicidio-e-de-violencia-domestica-crescem-34/>> acesso em 24 de abril de 2019.

### Building the way

30 anos de idade, apontamos o dedo e a chamamos de solteirona, torna-se alvo de críticas e piadinhas bobas, disfarçadas da ideia de que deve haver algo de muito errado com ela, “como assim ela não conseguiu um marido?”

Simone de Beauvoir (2016, p. 190) aponta que, apesar das mudanças, “[...] ainda que ganhe sua vida, cumpre que traga uma aliança no dedo para que conquiste a dignidade integral de uma pessoa na plenitude de seus direitos”. A autora nos escreve em 1949 e, ainda hoje, setenta anos depois, esse trecho se mostra bastante atual. O casamento fornece à mulher um *status* de esposa, portanto, respeitável, uma vez que está vinculada a um homem.

Beauvoir defende ainda que o trabalho autônomo é o que liberta a mulher. Sua inserção no mercado de trabalho é positiva, uma vez que a torna financeiramente independente, tirando do homem a exclusividade de provedor da casa. “Quando a mulher começa a duvidar da superioridade dos homens, as pretensões deles só fazem diminuir a estima que poderia dedicar-lhes” (BEAUVOIR, 2016, p. 516). Isso faz com que ela enxergue para si mesma uma vida além do casamento, além das tarefas domésticas, além dos papéis tradicionais de mãe e esposa. Mas apenas sua inserção no mercado de trabalho não é o suficiente para livrá-la da violência.

Morrem, por ano, cerca de 4 mil mulheres vítimas de violência doméstica no Brasil. Em meio à essa triste situação, foi cunhado o termo “feminicídio”, por meio da lei 13.104/15, que designa os casos de assassinato realizados em ação discriminatória pelo fato de a vítima ser mulher. A Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o Brasil como o 5º país com maior número de feminicídios registrados.<sup>8</sup> É um dado alarmante, que demonstra o quanto é necessário falar sobre isso e como é preciso haver mudanças.

“O silêncio é um grito de socorro escondido/ Pela alma, pelo corpo, pelo que nunca foi dito” (CAÑAS, 2017), estes dois versos da música “Respeita” são pertinentes para analisarmos uma questão: por que as vítimas não denunciam? Mesmo contando com as Delegacias da Mulher e com o Disque 180, um serviço que atende à denúncias anônimas de violência contra a mulher, ainda há resistência por parte de muitas mulheres em falar sobre as agressões que sofrem. Essa dificuldade de falar sobre experiências muito traumáticas é, de certo modo, comum –

---

<sup>8</sup>In: <https://exame.abril.com.br/brasil/taxa-de-feminicidios-no-brasil-e-a-quinta-maior-do-mundo>> acesso em 24 de abril de 2019.

### **Building the way**

sobreviventes do holocausto, prisioneiros de regimes ditatoriais, vítimas de tráfico humano, todos eles tem esse receio de falar sobre as atrocidades que sofreram em seus cativeiros, tanto por vergonha, quanto por medo de que suas histórias sejam desacreditadas por quem ouve. Conforme afirma Jeanne Marie Gagnebim (2006, p.51), “[...] o choque, [...] fere, separa, corta ao sujeito o acesso ao simbólico, em particular à linguagem”.

71

Por outro lado, temos também o conservadorismo, aliado do patriarcado, que preza por esse silêncio. Como bem colocam os versos: “Ninguém viu, ninguém vê, ninguém quer saber/ A dor é sua, a culpa não é sua/ Mas ninguém vai te dizer” (CAÑAS, 2017). Esse trecho também da música “Respeita” ilustra bem um ditado popular brasileiro muito antigo, que afirma que “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”. Isso é mais um reflexo do patriarcado, delimitando a casa de um homem, um núcleo familiar, como um espaço onde apenas sua vontade é lei, onde ele está livre para fazer o que quiser, inclusive, agredir a sua cômjuge. Como afirma Marcia Tiburi (2018, p. 106), “o reino do público se define pela ordem do poder e o reino do privado pela ordem da violência”.

Essa omissão diante de uma situação de violência doméstica incorre no “acobertamento” do agressor, nos tornando cúmplices. Essa permissividade contribui diretamente para que a violência doméstica cresça, pois a estamos legitimando quando escolhemos fechar os olhos. Escolhemos o lado do agressor e não o da vítima. Os números crescentes de casos de feminicídio comprovam que a violência doméstica é sim um problema social.

A diversidade e prática da violência se deve diretamente ao modo como a sociedade foi constituída. Colocando os homens como detentores do poder político, financeiro e familiar (além da força física), de modo que “enquanto a violência é ‘sofrida por mulheres’, o poder é ‘exercido’ pelos homens” (TIBURI, 2018, p. 107; aspas da autora). A filósofa ainda afirma que “O fim da violência doméstica depende de levarmos a sério a ideia de que poder é a ação conjunta e de que a violência é a destruição do poder possível, do poder dos outros, tal como tem sido perpetrada contra as mulheres”.

## **Building the way**

Deste modo, vemos como o feminismo é necessário para trazer à mulher a equidade que deseja, além de proporcionar a ela um lugar de fala<sup>9</sup>, tema do próximo tópico.

### **Digo o que sinto, ninguém me cala<sup>10</sup>**

72

A violência doméstica é uma realidade desde muito antes da *internet* ou do celular. A diferença é que agora ela vem à tona, na medida em que há uma abrangência de canais de atendimento voltados à mulher, bem como a possibilidade de divulgação ampla dos casos de violência. Falar sobre a violência doméstica é urgente e positivo, pois “se muitas vezes não queremos ver, pois o que vemos nos ver nos faz sofrer, também participamos da invisibilidade à qual fomos condenadas” (TIBURI, 2018, p. 101). Para Tiburi (2018, p. 56), o lugar de fala “expressa um desejo de espaço e tempo contra uma ordem que favorece uns em detrimento de outros”. O patriarcado favorece ao homem branco hétero, criando uma hierarquia social, na qual a mulher é um ser subalterno. Por isso, se faz necessário que a mulher tenha e busque um lugar de fala, o seu espaço na sociedade, o direito de ser ouvida e enxergada como ser humano, não como “o outro”.

Por muito tempo, o discurso patriarcal machista controlou a sociedade. Ainda hoje ele é muito forte. Podemos sentir a resistência das pessoas em superá-lo, em se abrir para a igualdade entre os gêneros. É difícil desconstruí-lo, mas aos poucos e com muita luta o feminismo tem tentado realizar esse trabalho. O discurso feminista coloca-se na linha de frente contra o patriarcado. Como resultado, há cada vez mais mulheres que não aceitam o que a sociedade lhe impõe. Estão presentes no mercado de trabalho, mesmo em profissões ditas masculinas, além de universidades e clubes esportivos, “pelo fato de ter tomado consciência de si e de poder libertar-se também do casamento pelo trabalho, a mulher não mais aceita a sujeição com docilidade” (BEAUVOIR, 2016, p.195).

Desde o surgimento do feminismo, com o movimento sufragista no século XIX, ele vem como uma luta pelos direitos políticos das mulheres. Mas a conquista do direito ao voto é só o início, a entrada para uma luta ainda maior, até hoje com a

---

<sup>9</sup>Usamos aqui o conceito de lugar de fala de Marcia Tiburi (2018), que nos apresenta o feminismo ligado diretamente à luta, não apenas das mulheres, mas em prol das minorias, pela criação de uma sociedade mais justa.

<sup>10</sup>Referência à canção “Respeita”, de Ana Cañas.

### **Building the way**

luta por igualdade de direitos, por um espaço na sociedade, por um lugar de fala. O feminismo é antes de tudo, luta, “Feministas são seres em luta, sendo ou não mulheres, já que a diversidade do termo feminismo não pode depender da unidade do conceito de ‘mulher’ em um sentido natural” (TIBURI, 2018, p. 53, aspas da autora). Representa toda uma trajetória de mulheres que perderam suas vidas lutando em prol de uma causa, e é graças a elas que atualmente temos médicas, advogadas, engenheiras, professoras e até mesmo líderes políticas. De acordo com Tiburi (2018, p. 35), “compensamos nossas avós [...] com nossa liberdade sexual, de gênero, mas sobretudo com nossa luta, com a nossa liberdade, com a nossa exuberância criativa acerca de nossas vidas”.

Assim, hoje, por mais que ainda vivamos permeados pelo discurso patriarcal, ganhamos um espaço maior. Temos liberdade de expressão e estamos conquistando novos lugares de fala. Como é o caso da literatura, da música, redes sociais ou mesmo da pesquisa acadêmica, a exemplo desse artigo, como um lugar de fala feminista.

### **Ana Cañas abre um lugar de fala**

A partir do momento que obtivemos certa liberdade, pudemos nos expressar. No contexto de suas músicas, Ana Cañas nos apresenta uma mulher livre, detentora da fala, bem resolvida consigo e com seu corpo. Em suas músicas, além da denúncia da violência, temos também a reivindicação pelo espaço, pela igualdade. Nas músicas apresentadas a seguir, a cantora trabalha com uma mulher que afirma sua liberdade de pelo menos quatro formas diferentes, sendo elas: a liberdade de ter um orgasmo, liberdade sexual, liberdade de ir e vir e a liberdade de identidade.

Falar sobre a sexualidade feminina por muito tempo foi um tabu, era uma espécie de assunto proibido, além de constrangedor. Existem vários relatos de mulheres que afirmam ter dificuldade de sentir prazer durante uma relação sexual. Isso se deve, muitas vezes, à educação que as meninas recebem. Para serem castas, puras, conterem seus impulsos, além do medo do que seus parceiros vão pensar. Como assinala Simone de Beauvoir (2016, p.140), “Aos tabus e às inibições provenientes de sua educação e da sociedade, superpõem-se repugnâncias, recusas que tem sua fonte na própria experiência erótica [...]”. Deste modo, acaba

### Building the way

sendo mais difícil para elas se sentirem confortáveis, o que pode ocasionar lesões, vaginismo ou mesmo frustrações. Por outro lado, Cañas nos apresenta uma mulher confortável com sua sexualidade.

Temos em primeiro lugar a música “Todxs”, que dá nome ao álbum mais recente da cantora. Foi gravada em parceria com o *rapper* Sombra. O próprio nome é um espelho do feminismo, na tentativa de não restringir o termo a apenas dois gêneros, defendendo o direito de ser quem se é. É comum vermos esse tipo de linguagem expressa em páginas e redes sociais feministas.

Inicialmente, a letra traz declarações positivas sobre as coisas nas quais o eu-lírico acredita, como a poesia, o amor, o bem, a justiça e a liberdade das crenças. Como um gesto inclusivo, que defende a igualdade de gêneros, temos o verso “A alma desconhece as diferenças” (CAÑAS, 2018). Assim, a cantora faz a descrição de um ato sexual:

Entrelaçados corpos  
Espremidos ossos  
O lençol molhou na cama  
Parede sugou  
Bagunçou jogou na cara  
No limite causou  
À flor da pele ecstasy  
(CANÃS, 2018)

Podemos notar nessa estrofe que o ato acontece com paixão. É narrado como algo desejado e realizado pelos dois. Ele exprime uma igualdade na relação, pois os dois atuam, não há um ativo e um passivo. É possível entender isso como uma metáfora com o feminismo *versus* o patriarcado, no sentido que o feminismo deseja a igualdade e o patriarcado demarca hierarquia.

Eu gosto do seu gosto  
Eu gosto do seu cheiro  
Eu gosto do seu beijo  
Eu gosto do seu pelo  
Eu gosto do seu corpo  
Tremendo  
(CAÑAS, 2018)

Nesse outro trecho, podemos analisar outro ponto importante, que é a questão do gosto. A mulher apresentada por Cañas sabe o que quer, ela aprecia o

### Building the way

75

ato sexual, sabe o que gosta, o que não gosta, e não tem medo de dizer. O fato de ela gostar denota que a mulher sai do papel comum de ser “usada” para o de desfrutar, praticar o sexo apenas porque tem vontade e porque sente prazer com isso, “Eu gosto da sua mão/ Eu gosto fora/ Eu gosto dentro” (CAÑAS, 2018), aqui, além do gosto, podemos notar uma abertura para outro corpo. Ela pode estar se referindo tanto a uma mulher como a um homem. O prazer para ela não está ligado ao falo, como convencionalmente associa-se. Existem outras formas. Podemos trazer essa relação para o título da música, uma vez que a palavra “Todxs” objetiva não restringir à questão do gênero. Cañas procura não restringir o ato a homem e mulher, mas também para outras possibilidades, numa tentativa de afirmar que “todxs” podem amar, “todxs” podem desfrutar do prazer.

Por fim, na parte do *rap*, temos trechos que defendem a luta e a igualdade. Respectivamente, “Mas a indiferença no centro da discussão/ É empoderamento com emoção na relação” (CAÑAS, 2018) e “De igual pra igual as mina são sangue no zoio/ Ação toda alma tem reação/ No limite do compasso reflete na multidão” (CAÑAS, 2018). O empoderamento é necessário, assim como a discussão sobre ele e sobre a liberdade feminina, mas, acima de tudo, a atitude de respeito, de igualdade, colocado como elemento que faz a diferença.

Ainda nessa temática, temos a música “Lambe-lambe”. Já no início, “Não se apavore com uma mulher que goza/ Nós é assim mina maravilhosa” (CAÑAS, 2018). Nesses dois versos, temos a autoafirmação do empoderamento feminino na figura das ‘mina’, além do enunciado de que uma mulher que goza assusta os homens. Isso vem da problemática ligada à masculinidade tóxica, que prevê o sexo como um ato iniciado e subsidiado somente por eles. Como nos versos anteriores, Cañas abre um espaço de igualdade, a começar pelo direito de ter um orgasmo.

A cantora segue criticando o desempenho sexual dos homens, “Pensa que sabe, sabe nada/ Paga de foda, damo risada” (CAÑAS, 2018). Ela diz que eles ainda têm muito a aprender, pois uma mulher merece muito mais, e os aconselha a “lamberem mais”. A crítica à falocracia apontada também por Saffioti (1987)<sup>11</sup> faz apelo ao sexo oral, demonstrando que há outras formas de sentir prazer além da penetração vaginal, apesar dos tabus quanto ao sexo oral. Ainda subsiste no imaginário popular uma resistência por parte dos homens em realizar o sexo oral,

---

<sup>11</sup> Conceito de Heleieth Saffioti, que faz referência ao poder do macho na sociedade.



### Building the way

tanto por nojo, como por vários mitos sobre os mistérios da vagina, como ressalta Beauvoir (2016) O machismo também, evidenciando apenas o prazer masculino na relação, por vezes, pode tornar rara essa prática. Ao convocar os homens a “usarem a língua”, Ana Cañas defende o direito da mulher de sentir tanto prazer quanto seu parceiro (ou parceira): “Evolução chegando pra geral/ Aceita o poder que o prazer é sempre igual” (CAÑAS, 2018).

76

Cañas ainda fala sobre a “liberdade sexual”. A decisão de se relacionar com quem quiser, independente do gênero. Pautados nessa liberdade, analisamos a música “Eu Dou”, também presente no álbum *Todxs*, de 2018. Logo na primeira estrofe, a cantora afirma: “Dou pros lekes, dou pras manas/ Corpo laico a gente ganha” (CAÑAS, 2018). Esse trecho por si só já expõe a reivindicação à liberdade sexual. O “corpo laico” defendido por Cañas, vai diretamente contra o padrão heteronormativo instituído pelo discurso patriarcal. A canção também faz essa defesa no refrão “LGBTQIVXZ/ ABC do amor, pode crer” (CAÑAS, 2018), no qual ela expõe uma das frentes do feminismo, que é estabelecer a igualdade para todos os gêneros, o amor livre, em oposição ao discurso conservador do patriarcado, que estabelece um padrão que favorece o homem, heterossexual e branco. Ana Cañas traz a sigla LGBTQI+ (que designa a comunidade de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros, Queer e Intersexo) juntamente com VXZ, para transmitir a ideia de que ela está recitando normalmente o alfabeto, algo simples, comum e corriqueiro. O fato de Cañas associar ao ABC (alfabeto) à inclusão da comunidade LGBTQI+ em nossa sociedade, dá a entender que isso precisa ser ensinado, como um manual de igualdade.

Ainda sobre a liberdade sexual, a artista se afirma como mulher em “Fumaça na lata, rainha do espaço/ Sou a buceta, não o caralho” (CAÑAS, 2018), o que desconstrói o discurso que exalta o órgão masculino em detrimento do feminino. Ela ousa ser mulher, se assume e tem orgulho disso. Desde a escolha do nome da música é proposital para provocar questionamentos: “Eu dou”, considerada uma gíria vulgar, que remete ao sexo. Ana Cañas a usa sem nenhuma inibição, na primeira pessoa do singular – Eu – indicando e assumindo a sua iniciativa, ela pratica a ação, é um sujeito ativo. A repetição desse enunciado no refrão deixa explícita a atitude: “Eu dou, eu dou, eu dou, eu dou, eu dou, eu dou/ Eu dou, eu dou, eu dou, eu dou, eu dou amor” (CAÑAS, 2018).

### Building the way

Como terceiro tipo de liberdade encontrada nas canções selecionadas, temos a “liberdade de ir e vir”. Ela teve de ser conquistada historicamente, mas ainda temos um longo caminho a percorrer até que a tenhamos plenamente. A música em que melhor expressa essa reivindicação é “Mulher-Galáxia”, logo no início, a letra traz o enunciado “Toda mulher é livre/ Transa tudo porque sabe-se nada” (CAÑAS, 2017). Além disso, ela outorga à mulher a liberdade dos padrões do que a sociedade impõe em,

77

Toda mulher é além  
Do que falam  
Do que dizem  
Do que pensam  
Do que eles veem.  
(CAÑAS, 2017)

O título transmite ambiguidade. Pode estar se referindo tanto à presença da mulher no mundo, como metade da população, ou talvez seja uma referência à mente feminina, como a ideia de que todas temos uma galáxia inteira dentro de nós mesmas, de sentimentos, emoções, lembranças e sonhos, como aquela que é: “Magnética, apavórica, cibernética/ Cósmica, sexo no ar, segue o seu dar/ Toda vida vem da raça” (CAÑAS, 2017).

Na música “Respeita” temos também a reivindicação pela liberdade de ir e vir no seguinte trecho:

Ela vai  
Ela vem  
Meu corpo, minha lei  
Tô por aí, mas não tô à toa  
Respeita, respeita, respeita as mina, porra!  
(CAÑAS, 2017)

Por fim, temos o quarto tipo de liberdade, a de “identidade de gênero”. Ter liberdade de ser mulher e não ser punida por isso, ou melhor, ter orgulho disso. A mulher, muitas vezes, é encarada como inferior, incapaz, o que se manifesta socialmente quando muitos pais se decepcionam quando descobrem que na verdade vão ter filhas, ou mesmo por meio de um “saber” antigo que afirma que quando um homem apronta muito em sua juventude, seu castigo é ter muitas filhas.

### Building the way

Na música “Mulher”, Cañas exprime uma mulher orgulhosa de ser como é, que não se intimida com rótulos ou preconceito. Podemos sentir isso logo no início com, “Nasci/ Sou assim/ E vou, até o fim” (CAÑAS, 2016). No decorrer da letra, ela se mantém confiante da sua identidade, da sua personalidade. Isso se mostra nos seguintes trechos:

78

Sou preta, sou branca  
Sagrada, profana  
Sou puta, sou santa  
Mulher

Sou gay  
Hétero, bi  
Dandara  
Mulher de Zumbi

Pirata, maldita  
Maluca, mucama  
Índia, rainha, cigana  
Mulher  
(CAÑAS, 2016)

Independente da cor, orientação sexual ou religiosa, as mulheres são julgadas. Esses são apenas alguns rótulos recebidos. Em vez de se esquivar deles, a cantora os adota, apropria-se deles e os exhibe como elogios.

A cantora defende ainda a posição da mulher na sociedade. Um lugar que é nosso por direito, temos tanto direito a ele como qualquer homem, “Venci/ Foi assim/ O mundo foi feito pra mim” (CAÑAS, 2016). Além disso, ela defende também que uma mulher pode ir e vir, ir atrás do que quer (ou de quem quer), em trechos como “Cheguei/ Te quis/ E ninguém vai me proibir” (CAÑAS, 2016), e

Sou gata de rua  
Noite na lua  
Fico na sua, nua  
Mulher  
(CAÑAS, 2016)

Reiterando que esse lugar de fala só foi possível graças à luta feminista. É um trabalho em progresso, temos muito a percorrer para alcançar uma equidade de fato. É nesse sentido que o feminismo se faz necessário, como um contra-discurso ao patriarcado. É importante compreendermos o patriarcado como um

### **Building the way**

sistema de exploração nocivo e machista, que rege a sociedade, o qual precisamos urgentemente desconstruir. Como aponta Marcia Tiburi (2018, p.59), “o feminismo aponta para o caráter irreconciliável de uma sociedade de direitos na qual o patriarcado esteja em vigência. É nesse sentido que o feminismo é uma luta contra um estado de opressão e injustiça”.

### **Considerações Finais**

Tendo em vista a reflexão levantada neste trabalho, podemos afirmar que o feminismo é um discurso libertário que propõe repensar a sociedade, desfazendo os posicionamentos majoritários aos machos, por meio da sua reestruturação. O feminismo abriu um espaço de luta para os direitos das mulheres. Graças a esse contra-discurso, conquistamos direitos políticos, postos de trabalho no mercado capitalista, além de espaço no meio acadêmico-científico, artístico, cultural, dentre outros. Neste momento conservador, precisamos zelar para que essas conquistas não se percam e para que as lutas avancem em suas causas.

As músicas de Ana Cañas exploradas por este trabalho são um lugar de fala, como defendido por Marcia Tiburi, precioso para o feminismo, pois apresentam mensagens que foram por vezes silenciadas pela sociedade. Esse tipo de abordagem abre espaço para que outras mulheres falem, reivindiquem sua liberdade. No mesmo intuito, este trabalho se apresenta como um espaço de fala.

Deste modo, o feminismo se faz necessário para que possamos nos libertar da opressão do patriarcado, auxiliando cada vez mais mulheres a conquistarem sua autonomia, seja no campo financeiro ou emocional, de modo a não se sujeitarem ao privilégio masculino. Só assim poderemos, no futuro, chegar à tão desejada equidade para todos.

### **REFERÊNCIAS**

BARCELLA, Laura; LOPES, Fernanda. *Lute como uma garota: 60 feministas que mudaram o mundo*. Traduzido por Isa Mara Lando. São Paulo: Cultrix, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Traduzido por Sérgio Millet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v.1.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Traduzido por Sérgio Millet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v.2.

**Building the way**

GAGNEBIM, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.